

## A TRANSFORMAÇÃO DO TEÍSMO PROTESTANTE EM DEÍSMO NA ALEMANHA DE HEINE

*The transformation of the Protestant theism deism in Germany Heine*

Raphael Santos Lapa

Universidade de Brasília

**Resumo:** O tema central do artigo que se segue diz respeito a uma abordagem que Heinrich Heine faz quanto à religião e seu encontro com a filosofia, em específico o tratado no Livro II da obra *Contribuições à História da Religião e Filosofia na Alemanha* publicada em 1835. Nesse sentido, será explicitada em um primeiro momento uma espécie de fideísmo heiniano que serve como instrumento para a motivação de sua tese da realização do declínio religioso quando aliado à filosofia. O método empregado pelo poeta utiliza-se da análise de elementos sócio-históricos observando a conjuntura de diversos momentos, dentre eles a revolução filosófica como resultado do protestantismo luterano. Por fim, como pretende-se demonstrar, a religião desfrutada na Alemanha contemporânea de Heine, qual seja o cristianismo, tem uma destituição de seu caráter teísta, fazendo com que a religião se transforme em um puro deísmo.

**Palavras-Chave:** Heine, Filosofia da Religião, Teísmo, Deísmo

**Abstract:** The central theme of the article that follows relates to a Heine's approach about religion and his encounter with philosophy, in particular the treatise in Book II of the work *Contributions to the History of Religion and Philosophy in Germany* published in 1835. Accordingly, it will be outlined a kind of heinian fideism that serves as a motivational tool for his thesis of religious decline when combined with philosophy. The method employed by the poet makes use of socio-historical analysis observing the context of various periods, among them the philosophical revolution as a result of Lutheran Protestantism. Finally, as we intend to demonstrate, the religion in Germany contemporary of Heine, namely Christianity, has a theist dismissal of his character, becoming a pure deism.

**Keywords:** Heine, Philosophy of Religion, Theism, Deism

### Introdução

Heinrich Heine (1797 - 1856), nascido na Alemanha e de ascendência judia, foi um importante poeta alemão do período romântico, caricaturado inclusive como o “último dos românticos”. Teve seus escritos banidos na Alemanha, mais tarde permaneceu exilado na

França, onde sofreu influência de movimentos socialistas, e também influenciou importantes filósofos como Karl Marx e Friedrich Engels, dos quais tivera amizade.

O livro do qual se preocupa a presente investigação, a saber: *Contribuições à História da Religião e Filosofia na Alemanha*, foi publicado em 1835 e, como relata o Prefácio à Primeira Edição, trata-se de um panorama da filosofia, religião e literatura alemã para o público francês<sup>1</sup>. Escrito para uma revista francesa, percebe-se que o texto não tem muito rigor ou preocupação com citações.

O tema central do artigo que se segue diz respeito a uma abordagem que Heine faz quanto à religião e seu encontro com a filosofia, em específico o tratado no Livro II. Nesse sentido, serão analisadas as razões pelas quais, segundo Heine, o protestantismo alemão transformou-se em puro deísmo gerando assim uma espécie de declínio religioso.

Heine apresenta-se na obra em comento como um historiador, ou seja, não se trata de um livro estritamente de cunho filosófico, mas antes, de história da filosofia que em seu método tenta trazer elementos com motivação sócio-histórica para um melhor entendimento da Alemanha contemporânea aos seus escritos, a do século XIX, conforme destaca Willi Goestchel:

*Zur Geschichte der Religion und Philosophie in Deutschland* formula uma sofisticada reflexão sobre as implicações teóricas de escrever a história e, em particular, a história da filosofia. Cauteloso para não ler intencionalmente de forma rápida dentro do projeto histórico, o interesse de Heine consiste principalmente em trazer à tona as forças ocultas sócio-históricas que guiam os atores no palco da história mundial. (...). De forma notável, Heine prefigura o movimento crítico para teorizar a história como uma conjuntura de momentos constelacionais em que o antagonismo das forças sociais se cristaliza em figuras, ações e eventos<sup>2</sup>

### O declínio da religião por uma racionalização filosófica: o fideísmo heiniano

A partir do instante em que uma religião busca auxílio na filosofia, seu declínio é inevitável. Como todo absolutismo a religião não pode se justificar<sup>3</sup>

A forte afirmação de Heine que é o mote do presente trabalho apresenta uma espécie de fideísmo que claramente influencia importantes filósofos posteriores como Kierkegaard e até mesmo o contextualismo wittgensteiniano. Nesse sentido, é importante observar a definição de fideísmo, conforme afirma Richard Amesbury:

“Fideism” is the name given to that school of thought—to which Tertullian himself is frequently said to have subscribed—which answers that faith is in some sense independent of, if not outright adversarial toward, reason<sup>4</sup>

<sup>1</sup> HEINE, Heinrich. *Contribuição à História da Religião e Filosofia na Alemanha*. São Paulo: Iluminuras. 1991. p. 11.

<sup>2</sup> Tradução livre.

GOESTCHEL, Willi - *Nightingales Instead of Owls: Heine's Joyous Philosophy* In: A Companion to the Works of Heinrich Heine. New York: Camden House. 2002. p. 149

<sup>3</sup> Idem, Ibidem, p. 75

<sup>4</sup> Amesbury, Richard, "Fideism", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Fall 2009 Edition)*, Edward N. Zalta (ed.), URL = <<http://plato.stanford.edu/archives/fall2009/entries/fideism/>>. Acesso em 24 de junho de 2011

O fideísmo ao qual Heine faz referência não se trata de um ceticismo epistemológico que nega qualquer fundamentação racional para a religião, em específico, o cristianismo. Tampouco se trata de uma suspensão de crença no que diz respeito ao aspecto psicológico, onde a religião pode ser colocada como que entre parênteses, como pretende a fenomenologia.

Heine, nesse sentido, coloca a religião como uma espécie de absolutismo acerca do qual é impossível de se justificar em um contexto racionalista. A analogia com o absolutismo político é-nos apresentada; um Estado absolutista ao tentar expor seus motivos de existência por intermédio de um meio de comunicação, mesmo que oficial, tende à inexistência tal qual o cristianismo que tenta se justificar por intermédio de um catecismo racional.

Para explicar em forma de alusão e em uma típica caracterização romântica Heine relembra o mito de Medeia quando rejuvenesce em 40 anos o rei Éson, pai de seu então esposo Jasão. É importante uma pequena digressão nesse momento. O mito em referência diz que Medeia mistura vários elementos estranhos, bizarros e desconhecidos como "*a baba de um lobo sacrificado*" ou "*geada coletada a noite sob a lua*"<sup>5</sup>. Logo após, ela corta a garganta de Éson e por meio da boca e da ferida é colocado o líquido feito com os elementos citados anteriormente. O resultado é conhecido: Éson resta rejuvenescido.

A explicitação desse momento da mitologia grega é necessária por demonstrar como que a religião, aqui representada pelo rei Éson, sofreu um ataque jugular quando tentaram substituir seu caráter de crença por outro racional. O fideísmo heiniano não é um ceticismo epistemológico, como afirmado no início, justamente pelo fato de que o resultado ainda assim foi positivo: o rei Éson continuou a viver. Mais à frente, sem a alusão mitológica, o referido filósofo coloca que o cristianismo após essa sangria transforma-se em uma espécie de deísmo, sendo assim não se tem o fim do cristianismo em si, mas antes uma transformação do mesmo.

A busca de auxílio na filosofia que ocorreu com o cristianismo, especialmente na Alemanha, trata-se de uma nova roupagem dada a esta religião, não um mero desprezo. Heine destaca que a sangria que ocorreu eliminou o conteúdo histórico e tentou conservar somente sua parte moral. "*O cristianismo se tornou, com isso, um puro deísmo*"<sup>6</sup>.

### Revolução filosófica como último resultado do protestantismo

Antes de entendermos as consequências da destituição do aspecto histórico e a elevação do aspecto moral no cristianismo devemos observar o processo filosófico que gerou esse declínio. O início do segundo livro aqui em questão coloca a revolução filosófica como decorrência direta e última da revolução religiosa iniciada por Martinho Lutero.

Heine destaca que Descartes e não Bacon, hoje pensamento já pacificado, teria sido o pai da filosofia moderna. Tem-se já nessa caracterização aquilo que o filósofo romântico vai colocar mais à frente: a descendência da filosofia alemã por parte de um método cartesiano. Em Descartes temos um reducionismo racionalista enquanto que Bacon traz uma espécie de reducionismo empirista, como colocado no trecho a seguir:

Para Bacon, “ciência é poder” e a natureza só pode ser dominada se “esquadrinhada”; já Descartes, com o seu famoso Discurso do Método (1637), marcou o racionalismo moderno com o método analítico de raciocínio, que consiste em decompor pensamentos e

<sup>5</sup> OVID. *The Metamorphoses*. Tradução: A.S. Klyne. 2000. p. 337-338

<sup>6</sup> HEINE, Heinrich. *Contribuição à História da Religião e Filosofia na Alemanha*. São Paulo: Iluminuras. 1991. p. 75.

problemas em infinitas partes e colocá-las em seqüência lógica (Losse, 1979)<sup>7</sup>

Nesse sentido, é importante observar que a separação entre racionalismo e empirismo é essencial para entender o caminho alemão da escolha pelo primeiro que no livro aqui tratado será colocado como espiritualismo ou idealismo.

Ao contrário do que ocorreu na França e Inglaterra, onde o materialismo, especialmente o lockiano obteve grande êxito, na Alemanha o espírito revolucionário necessitou de uma filosofia mais popular, mais religiosa. Elege-se então, uma espécie de substituto de Descartes que será estudado com mais afinco no país germânico por ser idealista, trata-se de Leibniz.

Leibniz tenta estabelecer uma harmonia entre Platão e Aristóteles que, como demonstra Heine, não foi solucionada por tratar-se intrinsecamente de uma divergência de ideias entre os termos modernos idealismo e materialismo. Para Heine toda a discussão deste a Antiguidade, inclusive perpassando a Idade Média trata-se do problema epistemológico do inatismo e empirismo, como explicitado no seguinte trecho:

Platão e Aristóteles! Eles não são apenas dois sistemas, mas também os dois tipos diferentes de natureza humana que com mais ou menos hostilidade se opõem, sob todos os disfarces possíveis, desde tempos imemoriais. Foi principalmente assim que se lutou por toda a Idade Média até nossos dias, e essa luta é o conteúdo mais essencial da história da Igreja cristã. Ainda que com outros nomes, trata-se sempre de Platão e Aristóteles.<sup>8</sup>

A obra leibniziana foi apresentada ao público alemão por intermédio de Christian Wolff que criou um sólido sistema para a filosofia do referido filósofo e, além disso, permitiu - tal como Lutero para a religião - pensar e fazer filosofia na língua germânica. Heine destaca que o latim servia a objetivos muitos, tais quais jurídico, administrativo e até militares, ou seja, a aspectos materialistas, ao contrário do idioma alemão que conseguia explicitar melhor os valores do idealismo, não conseguidos no latim sequer pelo cristianismo.<sup>9</sup>

Além disso, Wolff pôs vestimentas matemáticas à filosofia, ato que mostrava uma espécie de tentativa de esquematizar toda a filosofia, tentando transformá-la em um pensamento enciclopédico, ou seja, sistematizado e esmiuçado. Esse pensamento impregnou-se em toda a Alemanha transformando-o em uma espécie de dogmatismo.

O dogmatismo wolffiano aliado ao otimismo leibniziano com sua filosofia do melhor dos mundos possíveis e da harmonia pré-estabelecida - que se apresentavam como totalmente incompatíveis com a ideia de pecado original<sup>10</sup> - foi o contexto que fez com que a religião alemã buscasse apoio na filosofia para justificar-se.

Uma pequena digressão à resolução otimista do problema do mal em Leibniz é necessária. O problema é aquele colocado por Epicuro "*Se Deus existe como pode o mal também existir?*". Ou seja, deve-se demonstrar na tentativa de resposta que a noção de um Deus infinitamente bom e justo é compatível com a existência do mal.

<sup>7</sup> MEDEIROS, Mara Glacénir Lemes de. *Natureza e Naturezas na Construção Humana: Construindo saberes das relações naturais e sociais* in *Ciência & Educação*, v.8, no1, p. 71 – 82, 2002. <http://www2.fc.unesp.br/cienciaeducacao/include/getdoc.php?id=535&article=188&mode=pdf> . Acesso em 25 de Junho de 2011

<sup>8</sup> HEINE, Heinrich. *Contribuição à História da Religião e Filosofia na Alemanha*. São Paulo: Iluminuras. 1991. p. 59.

<sup>9</sup> Idem, *Ibidem*. p. 70

<sup>10</sup> Idem, *Ibidem*. p. 74

A primeira solução, especificamente no que se refere ao mal metafísico, tem origem agostiniana, qual seja: o mal é uma realidade variável relativamente ao bem. Deus ao criar o mundo efetivo viu-se diante de várias possibilidades e escolheu o melhor dos mundos possíveis, em tal mundo há a necessidade do mal em um grau mínimo pelo fato de que o homem, em virtude de sua finitude, ou seja, de uma imperfeição, tem sua existência postulada como necessária. O mal moral segue o mesmo raciocínio já que a liberdade humana é um bem do qual não poderia se abrir mão no melhor dos mundos possíveis e como consequência dos atos humanos temos atos vis. O mal moral é portanto advindo do livre-arbítrio.

O problema dessa visão otimista leibniziana-wolffiana, como colocado por Heine, é a sua relação com o pecado original cristão-luterano, já que a condição humana pecadora seria congênita e hereditária sendo assim incompatíveis com o livre-arbítrio. Além disso, conforme se ressalta no seguinte trecho, o otimismo de Leibniz apresenta mais problemas:

Alguns problemas se apresentam como evidentes na teoria de Leibniz. Primeiro é que o homem, na harmonia pré-estabelecida, é apenas um elemento a mais na totalidade do universo. Em última instância a liberdade fica sacrificada no seu "fatalismo geométrico". Com isso a responsabilidade fica reduzida a pó. E o sofrimento injusto fica novamente sem resposta. Segundo é que, a nível prático, o homem está conduzido ao fatalismo e a passividade. Por que lutar contra o mal se ele contribui para o bem? Terceiro é que o Deus de Leibniz, o deus engenheiro, é um falso Deus. Pelo menos não é o Deus de Abraão, Isaac, Jacob e os profetas. E muito menos o Deus de Jesus Cristo. Esse Deus não precisa de desculpas.<sup>11</sup>

Com isso, a crítica de Voltaire apregoada em *Cândido ou o Otimismo* expressa de maneira contundente o que a visão otimista de Leibniz trouxe de incoerência com o sistema religioso. Ou seja, a destruição do otimismo ocorreu pois o fatalismo e a passividade perante o mundo eram incompatíveis com os anseios de sua época. Anseios estes que, deve-se ressaltar, fazem referência à influência hegeliana do pensamento de Heine já que para pode-se colocá-lo como parte integrante da esquerda hegeliana assim como do grupo chamado Jovem Alemanha. Portanto, a incoerência entre Leibniz representando a teologia e Hegel representando uma autonomia filosófica do pensamento dá-se pela idéia de inevitabilidade da mudança efetiva do mundo, conforme destaca Herembergue:

Entretanto, é com a Jovem Alemanha que se buscará uma oposição política mais efetiva, na medida em que Heine e outros escritores de sua época se oporiam à ideia da inevitabilidade do conflito sociedade/indivíduo e entenderiam o engajamento e o envolvimento com questões políticas como forma de mudança efetiva da realidade que os circundava.<sup>12</sup>

Sendo a filosofia não mais uma contraposição à realidade, mas antes uma parte integrante e ativa da realidade uma descrição otimista de um mundo claramente injusto é, claramente, uma incoerência.

---

<sup>11</sup> GARBIN, Jones A.

<[http://www.estef.edu.br/pessoais/arquivos/ESTEF\\_PESSOAL\\_28\\_07\\_2005\\_18\\_01\\_22\\_O%20M AL-%20Um%20desafio%20ao%20pensar.doc](http://www.estef.edu.br/pessoais/arquivos/ESTEF_PESSOAL_28_07_2005_18_01_22_O%20M AL-%20Um%20desafio%20ao%20pensar.doc)> – Acesso em 27 de junho de 2011. p. 11

<sup>12</sup> JÚNIOR, Antônio Herembergue Dias. *Ironia e Paródia em O Rabi de Bacherach, de Heinrich Heine*. São Paulo. 2009. p. 12/13

Nesse contexto é possível entender melhor a busca por auxílio na filosofia que a religião realizou. Por óbvio não é somente para esse momento da história que a afirmação de Heine quanto ao declínio religioso faz sentido e para o qual o autor critica. No entanto, no medievo, a filosofia era colocada como uma ciência da qual se chegaria aos mesmos resultados se o caminho trilhado fosse o da teologia<sup>13</sup>. A religião estava assim, em uma posição superior à filosofia. Se esta última caísse em contradição com dogmas religiosos ela era tida, de imediato, como futilidade.

Somente com o advento do período moderno fez-se possível a colocação da filosofia como um modo de pensar que tinha lugar ao lado da teologia. Sendo assim, explicar a religião de uma maneira racional foi a maneira encontrada para que a teologia ainda tivesse validade no período moderno.

Em tal empreitada tentou-se então eliminar o aspecto histórico do cristianismo, dando ênfase somente ao aspecto moral, resultando no deísmo, como veremos a seguir.

### A transformação do cristianismo em puro deísmo

Deísmo, conforme Nicola Abbagnano no Dicionário de Filosofia é uma linha de pensamento que pode ser definida da seguinte maneira:

Doutrina de uma religião natural ou racional não fundada na revelação histórica, mas na manifestação natural da divindade à razão do homem. (...)

Em todo caso, o que há de peculiar ao D, em relação ao teísmo(v), é a negação da revelação e a redução do conceito de Deus às características que lhe podem ser atribuídas pela razão. Essa é a distinção estabelecida entre D. e teísmo por Kant (Crít. R. Pura, Dialética, cap. III, sec. VII).<sup>14</sup>

Com todo o espírito do Iluminismo que perpassava o povo e pensamento germânico, as novas vestes dadas ao cristianismo tentaram, de todas as formas, retirar o caráter histórico que, por vezes, passava um determinado ar de superstição e irracionalidade, tendo em vista, por exemplo, os milagres presentes no Novo Testamento bíblico.

A retirada, via jugular, do cerne histórico e inserção do caráter racional, tal como a erradicação do caráter revelatório dos textos sagrados, fazem com que tais textos tenham uma nova hermenêutica, uma que limite as ações relatadas ao possível dentro do plano racional. Os milagres, como coloca o poeta aqui tratado e em exemplo, eram uma espécie de anúncio e só haviam de ser necessários em tempos de superstição, pois o caráter moral do cristianismo, dentro de um contexto racional, é o que deve ser preservado e exaltado.

Nesse sentido, Heine destaca: “*A letra, disse com efeito Lessing, é o último invólucro do cristianismo, e só após a destruição desse invólucro surge o espírito.*”<sup>15</sup> A letra aqui referida trata-se de uma alusão às interpretações limitadas e padronizadas por parâmetros primariamente bíblicos, ao contrário do que ocorre após a quebra desse invólucro onde os limites impostos são aqueles que a razão leva como que um sol iluminando um caminho<sup>16</sup>.

<sup>13</sup> HEINE, Heinrich. *Contribuição à História da Religião e Filosofia na Alemanha*. São Paulo: Iluminuras. 1991. p. 54.

<sup>14</sup> ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.

<sup>15</sup> HEINE, Heinrich. *Contribuição à História da Religião e Filosofia na Alemanha*. São Paulo: Iluminuras. 1991. p. 85.

<sup>16</sup> Idem. *Ibidem*. p. 69

Após o surgimento dessa teologia racional, houve uma união não muito convencional entre pietistas e ortodoxos para o combate com aquela primeira linha de pensamento. Ao entendermos essas duas correntes teológicas consegue-se observar, de maneira mais clara, as motivações racionalistas.

O ortodoxismo protestante, ou seja, a manutenção da situação vigente do protestantismo foi um movimento de sistematização e consolidação do movimento reformista inicial após a contra-reforma. Tinha preocupações doutrinárias como a manutenção dos Cinco Solas, quais sejam: *Sola fide* (só a fé); *Sola scriptura* (só a Escritura); *Solus Christus* (só Cristo); *Sola gratia* (só a graça); e *Soli Deo Gloria* (só a Deus a glória). Tem-se na definição dessa linha de pensamento uma preocupação extremamente doutrinária que gerou, segundo os pietistas, uma certa estagnação espiritual.

Já o movimento pietista que surgiu em reação à linha ortodoxa protestante, tenta resgatar o caráter inicial da Reforma tendo em vista, como já colocado, o fato de que o ortodoxismo gerou uma espécie de frieza espiritual. O pietismo ressalta a livre interpretação da Bíblia e nega a teologia, assim como cultos religiosos externos, dentre outras coisas.

Ao observar-se essas duas correntes teológicas que se contrapuseram diretamente ao racionalismo, resultado da busca de auxílio filosófico para a religião, percebe-se certa influência do ortodoxismo protestante diretamente no racionalismo, conforme pode-se observar no seguinte trecho:

“Por certo, insistimos, esse não era o desejo dos reformadores, nem dos teólogos ortodoxos do século XVII, mas o fato é que a ortodoxia contribuiu na pavimentação do caminho para o racionalismo”<sup>17</sup>

O importante a destacar nesse momento é o fato de que a interpretação reclamada pelas linhas pietistas e ortodoxas tinham uma espécie de resquício medieval, no sentido de considerarem o texto sagrado como superior aos resultados obtidos racionalmente, caso houvesse conflito. Além disso, no entanto, deve-se acrescentar que a fé para essas duas linhas de raciocínio tinha um aspecto que envolvia também o caráter revelatório acerca do mundo, seja por intermédio de uma vida pia, seja por uma derivação doutrinária aplicada mais ortodoxa. Essas caracterizações vão de encontro ao que se pretendia na racionalização.

Nesse sentido, o deísmo, além da retirada do aspecto histórico da religião, é aquele que abre o embrulho religioso, qual seja: a letra, a dogmatização do texto sacro. Enquanto que ao mesmo tempo, no processo de abertura, libera o espírito<sup>18</sup>, fazendo com que a razão faça a tudo claro, levando o homem para um caminho oposto ao do erro e contradição.

## Conclusão

Uma aproximação do contexto filosófico no qual Heine estava inserido, qual seja: o da esquerda hegeliana, considera-se como fator de grande relevância para o entendimento da transição entre teísmo cristão e deísmo puro tendo em vista o fato de que a incoerência

<sup>17</sup> COSTA, Hermisten Maia Pereira da. *Ortodoxia Protestante: um desafio à teologia e à piedade*. Fides Reformata. 1998. <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME\\_III\\_1998\\_1/ortodoxia....pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_III_1998_1/ortodoxia....pdf)>

<sup>18</sup> HEINE, Heinrich. *Contribuição à História da Religião e Filosofia na Alemanha*. São Paulo: Iluminuras. 1991. p. 85.



motivadora da transformação dá-se pela visão hegeliana de mundo expressa por “tudo o que é, é racional”<sup>19</sup>

Além do fator filosófico, o método utilizado por Heine que considera a história como elemento de grande importância para a referida análise encontra base na contraposição feita entre pietistas e ortodoxos demonstrando também uma certa revolução na própria teologia que preconizava esse afastamento do teísmo.

Sendo assim, se o protestantismo trouxe uma revolução filosófica por intermédio de sua inauguração em Lutero tem-se que quando a mesma foi buscar auxílio na sua consequência direta viu-se em apuros. Como demonstra Heine, ao buscar um apoio filosófico, o teísmo transformou-se em um deísmo, qual seja, uma religião com uma moral cristã que, no entanto, renegava os demais aspectos que a caracterizavam como religião, tal como os milagres e outros fatores que fugiam do escopo da razão.

## Bibliografia

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.
- AMESBURY, Richard, "Fideism", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Fall 2009 Edition)*, Edward N. Zalta (ed.), URL = <<http://plato.stanford.edu/archives/fall2009/entries/fideism/>>.
- COSTA, Hermisten Maia Pereira da. *Ortodoxia Protestante: um desafio à teologia e à piedade*. Fides Reformata. 1998. Em <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME\\_III\\_1998\\_\\_1/ortodoxia....pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_III_1998__1/ortodoxia....pdf)> - Acesso em 28 de junho de 2011
- GARBIN, Jones A. *O Mal um desafio a pensar*. Em <[http://www.estef.edu.br/pessoais/arquivos/ESTEF\\_PESSOAL\\_28\\_07\\_2005\\_18\\_01\\_22\\_O%20MAL-%20Um%20desafio%20ao%20pensar.doc](http://www.estef.edu.br/pessoais/arquivos/ESTEF_PESSOAL_28_07_2005_18_01_22_O%20MAL-%20Um%20desafio%20ao%20pensar.doc)> – Acesso em 27 de junho de 2011. P. 11
- GOESTCHEL, Willi - *Nightingales Instead of Owls: Heine's Joyous Philosophy* In: A Companion to the Works of Heinrich Heine. New York: Camdem House. 2002.
- HEINE, Heinrich. *Contribuição à História da Religião e Filosofia na Alemanha*. São Paulo: Iluminuras. 1991.
- JÚNIOR, Antônio Herembergue Dias. *Ironia e Paródia em O Rabi de Bacherach, de Heinrich Heine*. São Paulo. 2009.
- MEDEIROS, Mara Glacénir Lemes de. *Natureza e Naturezas na Construção Humana: Construindo saberes das relações naturais e sociais* in *Ciência & Educação*, v.8, no1, p. 71 – 82, 2002.
- OVID. *The Metamorphoses*. Tradução: A.S. Klyne. 2000. p. 337-338

---

Texto recebido em: 9/3/2012

Aceito para publicação em: 4/6/2012

---

<sup>19</sup> Idem. Ibidem. p. 74. O tradutor da referida obra, Márcio Suzuki, na nota 25 explicita que essa citação de Heine quanto a Hegel trata-se de uma passagem da obra *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* onde tem-se na realidade a seguinte frase: “O que é racional é real, e o que é real é racional.”